

3- A PRÁTICA DO MERETRÍCIO

3.1- O Programa

O programa é a atividade da prostituta e sua execução requer acordos prévios sobre as práticas sexuais a serem feitas, o preço e o tempo disponível. Entretanto, o programa apresenta três possíveis pontos de tensão e ruptura: quando os acordos omitem itens explicitáveis, quando há quebra de acordos ou quando há demanda por práticas de natureza afetiva ou por serviço de conteúdo pouco definido (Freitas, 1985).

O princípio básico das prostitutas é que tempo é dinheiro, portanto esse critério é bem discutido nas negociações. Quanto maior o tempo, maior deverá ser o pagamento. Algumas prostitutas preferem relações curtas e imediatas preservando o caráter impessoal com o contato com o cliente. Nesse caso, predomina uma concepção comercial, tendo a maximização do número de clientes como algo mais rentável. Outras prostitutas preferem justamente o contrário, pois o atendimento mais demorado aumenta a possibilidade de alargarem os lucros e criarem laços que garantam clientes fiéis e fixos (Moraes, 1995). Segundo DaMatta (1997), tempo realmente é dinheiro num sistema individualista, no qual tem-se como concepção uma forma quantificável de “coisa” social ou bem de consumo que pode ser sempre comprado ou vendido.

Moraes (1995) prossegue definindo que as práticas sexuais diferentes são a melhor forma de obter maiores ganhos, pois se parte do pressuposto de que os homens vêm buscar o que não conseguem ter com outras mulheres.

Goffman (1975) sintetiza em quatro atos as etapas iniciais de um programa: a aproximação, que fica a cargo da prostituta; a aceitação do cliente; a negociação, quando são discutidas as condições do encontro sexual; e por fim, a saída para um hotel.

Gaspar (1985) descreve que a aproximação em boates, por exemplo, se dá através da sedução que as garotas fazem por meio de sua maneira de vestir, a postura, a dança sensual e uma série de convites para dançar ou tomar um drinque. Já a aceitação do cliente ocorre quando ele escolhe a companhia que mais lhe agrada. Fica explícita sua escolha, a partir do momento em que ele lhe paga uma bebida. Escolhida a companhia, eles acertam a ida ao hotel ou a um apartamento, com a prostituta deixando claro seu preço e seus limites e o

cliente suas preferências e exigências. Deste ponto em diante, se dá ou não a quarta etapa do programa, pois o cliente pode não concordar com o que lhe foi proposto e não levar adiante o programa.

Moraes (1995) acrescenta que o uso do preservativo, principalmente da camisinha, tem sido considerado uma exigência pelas prostitutas. A imposição de seu uso é vista como uma garantia para a prostituta e seu cliente se prevenirem contra as doenças sexualmente transmissíveis.

O programa, portanto, exige uma série de gastos para que a prostituta possa realizá-lo. Blanchette e Silva (2009) enumeram quatro principais gastos cotidianos que a prostituição gera a suas praticantes. Em primeiro lugar, ela precisa de um lugar de encontro com o cliente. Segundo Robert Park (1984), são construídas as regiões morais, uma área em que prevalece um código moral distinto do socialmente dominante, frequentadas por pessoas “dominadas, mais do que são cotidianamente, por um gosto, paixão, ou qualquer interesse que encontre raízes na natureza original do indivíduo” (1984 [1925]: 45-48). Esse local deve ser descontraído e privativo, geralmente com bebidas alcoólicas, a fim de deixar o cliente em uma situação confortável. Isso pode acontecer no campo virtual (como a internet ou central telefônica) ou no campo real (como rua, boate, termas). Já que a prostituição é uma atividade estigmatizada e reprimida, nas tais regiões morais há diversas negociações com autoridades e residentes locais para sua permanência. Isso implica em gastos tirados dos bolsos da prostituta, muitas vezes.

Em segundo lugar, a prostituta precisa de um lugar privado e seguro para que ela possa realizar seus programas, que nem sempre é o local de encontro. A estada em um hotel ou o aluguel do quarto/cabine em alguma casa do ramo geralmente está embutido no preço do programa, pois é comum a garota e o dono do estabelecimento terem acordos para o uso do lugar. Na Vila Mimosa, por exemplo, o programa custa, em média, 25 reais, sendo 20 reais para a prostituta e 5 para a casa. Porém, no caso da prostituição de rua, muitas vezes o cliente não quer pagar muito ou a prostituta quer ter 100% de lucro, aí o lugar “privado” e “seguro” pode significar um beco escuro ou um carro estacionado.

Em terceiro lugar, muitas prostitutas recorrem ao apoio de “seguranças” ou dos cafetões, que são pagos para protegê-las a fim de que realizem seus programas de uma forma mais segura. Elas se previnem contra os clientes

violentos ou daqueles que não querem pagar seus serviços. Quando fazem parte de algum estabelecimento de prostituição, elas são garantidas de segurança pelo proprietário, fator que aumenta as buscas por esses lugares. Como a prostituição é uma atividade estigmatizada e semilegal, ela não pode contar com a ajuda da polícia ou de outras autoridades públicas para estes fins.

Por fim, existe uma grande quantidade de instrumentos que são utilizados pelas prostitutas em seu ofício. São eles: roupas (lingerie sexualmente atraente, biquínis, calças apertadas, sandálias de salto alto de acrílico e fantasias sexuais, como uniformes de enfermeiras ou colegiais), perfumes, bebidas alcoólicas, comidas, camisinhas, brinquedos sexuais, dentre outros. Tais aparatos são comprados pelas prostitutas para atrair e manter clientes.

3.2- Locais De Prostituição

A cidade do Rio de Janeiro contém uma enorme variedade de serviços sexuais à venda, sob as mais diversas condições. A prostituição feminina está dividida em três classes: o baixo meretrício, o médio meretrício e o alto meretrício. Segundo Gaspar (1985) e Dantas (2002), os três níveis funcionam da seguinte maneira:

O baixo meretrício se caracteriza por mulheres de diversas idades que praticam a prostituição nas ruas, na Praça Tiradentes, Quinta da Boa Vista e Central do Brasil, por exemplo, ou em lugares mais “humildes” como a Vila Mimosa. As mulheres não fazem muitas exigências ao cliente e estão frequentemente dispostas a praticar o ato sexual não apenas em lugares exclusivos como os hotéis, mas também em áreas mal iluminadas e pouco seguras, sendo comum o interior dos carros. A maioria delas já tem filhos, uma das razões principais de estar na profissão. O meio é mais violento e consumidor de drogas, sendo característica de todos os personagens, sejam as mulheres, clientes ou frequentadores. A baixa prostituição tem sido uma saída encontrada por milhares de mulheres para resolver questões financeiras. Segundo Bacelar (1982), é uma prostituição da pobreza, uma alternativa de sobrevivência de mulheres pobres no Brasil.

Já o médio meretrício está associado à prostituição praticada em boates e em casas de massagem. As meninas, geralmente, estão sempre bem vestidas e com boa aparência, já que nesses lugares há esse tipo de exigência. Elas não

estão expostas nas ruas, diminuindo os riscos de violência e exploração. O preço do programa nestes lugares costuma variar de acordo com a localização. Nas casas de massagem, o valor é único para todas as garotas e costuma ser cobrado de acordo com o tempo que o cliente pretende ficar com a garota. Existe uma tabela e a mulher deve sempre assinar nas páginas de um livro controlado por um gerente a cada vez que levar um cliente para o seu quarto, ou “cabine”, como costumam chamar (estes livros para assinatura também existem nas casas da Vila Mimosa). Já as prostitutas que frequentam as boates estabelecem seu próprio preço, e não costumam ter um vínculo muito grande com os donos ou gerentes dos estabelecimentos. Em geral, fazem um acordo verbal, comprometendo-se a fazer com que os clientes consumam o máximo possível em bebidas e aperitivos.

Por fim, no alto meretrício, as prostitutas têm o próprio controle de seu trabalho, publicando anúncios em jornais com número de telefone para contato ou através de agências. Deixam claro em seus anúncios o seu público alvo: executivos de alto nível e de bom gosto. Afinal, o valor estabelecido por elas só é acessível a pessoas de alto poder aquisitivo. O local de encontro é combinado previamente por telefone e as garotas vão geralmente de táxi, cuja tarifa é de responsabilidade do cliente.

Gaspar (1985), Freitas (1985), Moraes (1995) e Blanchette e Silva (2009), dentro dessas categorias, selecionam e descrevem física e funcionalmente alguns tipos de locais de prostituição. Nas páginas seguintes, será apontada, de acordo com esses autores, uma descrição destes lugares:

- a. ***Tipos “fechados” de pontos de prostituição:*** caracteriza-se por locais em que a prostituição ocorre dentro de uma determinada região moral com pouca ou nenhuma visibilidade frente à sociedade circundante. Os cinco tipos de pontos fechados de prostituição encontrados por nós no Rio de Janeiro incluem serviços de call girl, termas/boates (uma categoria só), casas de massagem, privês e casas.
- **Serviços de call girl:** As garotas anunciam em classificados de jornais, geralmente descrevendo-se fisicamente. Os encontros são marcados através de ligações aos celulares anunciados, que são ou da própria prostituta ou de alguma agência. O programa é

realizado em algum motel ou no apartamento do próprio cliente ou da própria prostituta.

- Garotas de sites: as agências de prostituição também têm sites na internet, onde divulgam suas prostitutas com fotos e vídeos. Muitas garotas também criam seus próprios sites ou blogs para se promoverem na rede. O próprio site de relacionamento Orkut também é utilizado para esses fins. É criado um perfil, como um “cartão de visitas”, no qual as garotas colocam vídeos e fotos sensuais. Após conferir o perfil, basta o cliente deixar um “scrap” ou enviar um *e-mail* para a garota.
- Agências de prostituição: Lugares nos quais meninas deixam books de fotos ou vídeos, demonstrando suas “habilidades” e beleza para que sejam escolhidas pelos clientes. Geralmente, essas agências têm prostitutas de vários tipos de perfil para agradar todos os gostos da clientela. São bastante procuradas por turistas, ganhando uma porcentagem por programa.
- Acompanhantes ou Escort girls: Meninas de alto padrão educacional que atendem clientes de alto nível financeiro. Elas os acompanham a restaurantes, festas, ocasiões especiais e depois têm ou não a relação sexual. Tudo é combinado previamente.

Geralmente, a região moral é um ponto virtual, ou seja, o ponto de encontro inicial, no qual são estabelecidas as negociações, não existe no espaço físico. O cliente solicita os serviços de uma prostituta após ver suas informações de contato na internet, no jornal, numa revista, num panfleto colado num orelhão ou após de recebê-las de terceiros. A prostituta pode estar trabalhando independentemente, por si só, ou pode participar de uma agência, que disponibiliza suas informações de contato em troca de um pagamento ou uma porcentagem do programa. Entretanto, as mulheres que trabalham para agências, pagam, além dos 50% do preço do programa, uma taxa por mês para serem listadas em seu book ou site. A prostituta vai, então, até o local de encontro escolhido pelo cliente (tipicamente a casa ou hotel dele), faz o programa e é paga na hora. A quantia recebida varia por duração de programa (podendo ser por hora, por duas horas ou pela noite), em uma média de 50 a

150 reais por hora. Tipicamente, a prostituta também cobra uma quantia adicional para suas despesas de viagem de táxi (30-50 reais). Muitas mulheres preferem trabalhar para agências porque preservam o anonimato delas, pois, além de não ter exposição pública, a central pode recolher o nome e informações do cliente previamente, o que permite à mulher evitar pessoas conhecidas de outros contextos fora da prostituição. Apresenta, também, a vantagem de ser extremamente flexível, já que ela só é selecionada quando tem um programa à sua espera, deixando os seus dias livres para realizar outras tarefas, como cuidar dos filhos, estudar, trabalhar em outro lugar.

- As termas: Uma termas, propriamente dita, é uma casa de sauna que também oferece serviços sexuais. Porém, muitos lugares com serviços sexuais no Rio de Janeiro se chamam termas, mesmo sem oferecer saunas. O termo, portanto, parece ser um genérico para “casa de prostituição” na cidade. Geralmente, são estabelecimentos, nos quais há um grande salão central com música dançante, como uma boate, e garotas recebendo os clientes. Logo na entrada, o cliente recebe a chave de um armário e troca sua roupa por um roupão de banho e sandálias havaianas para ficar “mais à vontade”. Nessas casas existem salas de relaxamento com televisões e revistas, sauna seca e a vapor, piscina, sala de massagem, além do tradicional show no queijo. Quando o cliente quiser interagir com as meninas, vai até a pista de dança, onde também fica o bar. A bebida é cara e o programa também, custando, no mínimo, 200 reais por 40 minutos em um cubículo do tamanho de um lavabo ou 380 reais se for num quarto como o de motel. Ambos os estilos de cômodos estão no estabelecimento. O número da chave do armário serve como uma comanda, tudo que for consumido, inclusive o programa, será debitado a partir dele. O trabalho em termas exige a presença das mulheres praticamente a semana inteira, numa média de quatro a seis vezes por semana. Não há salário fixo, recebendo o preço do programa e, geralmente são multadas em até 300 reais por cada dia que faltam. Embora o preço do programa seja padronizado dentro da termas (variando

por tempo gasto no serviço sexual), a casa geralmente não toca nesse dinheiro, ganhando com a entrada, a venda de comes e bebes e – crucialmente – o aluguel de cabines e quartos. Os preços cobrados pelas termas do Rio variam dramaticamente conforme a qualidade e higiene das instalações. Normalmente, entre 10 e 30 mulheres estarão presentes numa termas, embora existam algumas “mega termas” que dizem disponibilizar de quase 200 garotas de programa.

- Boates: estabelecimentos que em seu interior há o uso exagerado de espelhos, em especial próximo aos queijos – tablados redondos onde as garotas dançam de calcinha. A música é alta e bem agitada. O ambiente geralmente é penumbroso, com a iluminação focada nos palcos para os shows (neste caso, shows de dança e, às vezes, *strip-tease* ou sexo ao vivo). As mulheres da casa, além dos shows que realizam, estão disponíveis para a prostituição. A boate pode ou não ter cabines para a realização dos programas. Se tiver, a casa ganha com a entrada, com as bebidas e com o aluguel das cabines. Se não tiver cabines, as mulheres podem ser funcionárias pagas da casa, e os clientes, além de pagarem a entrada, precisam pagar uma “multa” para tirá-las da boate para a realização do programa. Neste caso, o preço do programa é negociado com a própria garota, sem padrões estabelecidos. Em média, são encontradas de 5 a 20 mulheres trabalhando com dedicação exclusiva em uma boate. Os preços variam de acordo com a localização e o nível de higiene e qualidade do estabelecimento. As vantagens de trabalhar em uma boate são similares às da termas. A principal desvantagem é a vulnerabilidade à violência, fraude e roubo quando o programa é realizado fora do estabelecimento. Abrem suas portas na parte da tarde, mas o grande movimento dos clientes tende a ser após as 17 horas, final do expediente de trabalho em horário comercial. Existem vários tipos de boates: americans bars, discoteca, show de revista e show erótico.

- *Americans Bars*: Casas sofisticadas, com acabamento em couro e bebidas “confiáveis” (não falsificadas). As mulheres são valorizadas pelos clientes nesse tipo de estabelecimento.
 - *Discoteca*: som alto e jogo de luzes na pista de dança, que é um espaço valorizado. Mulheres se exibem para clientes e, a partir daí, se inicia a interação para uma futura saída.
 - *Show de revista*: apresentação espacial como de uma discoteca, com o local da pista de dança transformado em palco. Os shows geralmente são mímicos de sucessos musicais e números de dança. Os frequentadores deixam as boates depois dos shows, algumas vezes acompanhados por garotas. Durante os intervalos dos shows, algumas garotas sobem no palco e garantem a animação da casa.
 - *Show erótico*: distribuição espacial como as casas de show de revista. Porém, sua atração são shows de sexo explícito com sete ou oito atos, que consistem em strip tease e relações sexuais entre mulheres e casais heterossexuais. Quanto mais ousado for o show, mais atrativo ele é.
- *Casas de massagem*: casas que recebem principalmente executivos. Geralmente opera num apartamento ou escritório, subdividido em uma recepção e duas ou três cabines, e emprega relativamente poucas mulheres (tipicamente entre dois a dez, com quatro ou cinco normalmente presentes em qualquer momento). Há “terapeutas” sexuais que são escolhidas pelo cliente através de um catálogo de fotos. Um percentual do programa já se paga ao entrar no estabelecimento e o outro é dado a garota de programa. O programa tende a ser mais longo do que os outros estabelecimentos acima (uma hora ao invés de 40 minutos) e começa – e, às vezes, até termina – com massagem. Na casa de massagem, o cliente compra serviços de massagem que podem também incluir masturbação e/ou sexo (oral, anal

e/ou vaginal), mediante o pagamento de um preço adicional. O curioso é que existem casas de massagem que só providenciam masturbação para seus clientes, mas que cobram mais do que outros pontos onde se vende sexo anal, oral e/ou vaginal. Os preços nas massagens tipicamente são padronizados.

- Privés: São apartamentos ou escritórios alugados em grandes prédios, tipicamente nos centros comerciais da cidade (o Centro, Tijuca e Copacabana tendo as maiores concentrações), com a finalidade de prestar serviços sexuais. Muitas vezes, os prédios concentram privés porque são localizados em lugares extremamente estratégicos no mercado de sexo comercializado (vários prédios na Av. Rio Branco, por exemplo, cabem), ou porque a administração do prédio não se importa em repelir a prostituição. Geralmente é um espaço pequeno – menos de 60 metros quadrados– e é dividido em cabines e uma área de recepção. O banheiro geralmente é coletivo e as cabines só comportam uma cama e, às vezes, uma televisão ou mesa. Existem também privés “de luxo” que mais assemelham a pequenos hotéis. A quantidade de mulheres que trabalham num privé é relativamente baixa, variando de três a dez. Os preços cobrados geralmente são padronizados e o trabalho concentra-se durante o horário comercial. Uma vantagem de trabalhar num privé é que se pode trabalhar ou estudar à noite, além de ser fácil camuflar a prostituição com outro emprego qualquer, por exemplo, trabalhar como secretária. Há alguns privés que são montados por grupos de prostitutas que alugam um apartamento em conjunto e passam a administrá-lo com uma espécie de cooperativa ou coletiva.
- Casas de tolerância: abrange aqueles lugares que, aparentemente, só vendem sexo, mas não são qualificados por clientes ou prostitutas como qualquer

outra das categorias descritas acima. Em geral, as casas são maiores que os privês e empregam de dez a cem mulheres. Muitas delas – como a Vila Mimosa ou a R. Buenos Aires 100 – são de fato uma coleção de estabelecimentos, cada um com dono ou gerente diferente. A Vila, por exemplo, tem mais de 25 casas, todas mais ou menos unidas através de uma associação comercial. Em todas as casas, porém, o sexo é consumado no local, tipicamente numa cabine, e uma taxa é extraída através do aluguel dessas. Os preços nesses pontos são padronizados e são tabelados de acordo com o tempo gasto e o serviço a ser oferecido (com o serviço sexual “completo” – sexo oral, vaginal e anal –, sendo sensivelmente mais caro que o sexo vaginal). Em termos de horário de trabalho, as casas tendem a ser flexíveis, montando a garota o seu horário de trabalho. Podemos dividir em dois tipos:

- Zona: é um tipo de bordel. Seus estabelecimentos são enormes, com imensos corredores ao longo dos quais estão dispostos os quartos, que são alugados às prostitutas durante todo o período de programa. A rotatividade é altíssima, tendo uma média de 20 clientes para cada prostituta por dia. Elas ficam em seus quartos à espera, e os clientes transitam pelos corredores, escolhendo em qual dos quartos entrará.
- Rendez-vous: estabelecimentos menores do que as zonas. Eles possuem um salão central de requinte variado, ao redor do qual os quartos estão dispostos. Os clientes entram em contato com as prostitutas no salão e de lá se dirigem para os quartos. Geralmente as garotas de programa residem na casa, gerando uma grade de horários bem difusa. A rotatividade de clientes é menor do que na zona, sendo menos de dez clientes por prostituta a cada dia. O pagamento é feito à cafetina através de um sistema de fichas: prostitutas pagam uma “ficha” (quantia fixa) por programa e o tempo deste é fixado em torno de 30 minutos.

- Motéis: Não se trata das casas convencionais. São estabelecimentos que alugam quartos para casais convencionais, não estabelecem horários para as prostitutas, não servem de moradia para elas, mantêm as portas fechadas, tem uma rotatividade de clientes bastante reduzida (máximo quatro clientes por prostituta em um dia) e neles há possibilidade da prostituta requerida, caso ausente, possa ser localizada.
- Disque-sexo: linhas telefônicas onde se pratica sexo verbal.

b. ***Tipos “abertos” de pontos de prostituição***: a prostituição acontece dentro de uma determinada região moral que é potencialmente visível aos olhos da sociedade circundante. Entretanto, nem sempre a sociedade reconhece a região como ponto de prostituição. Ou seja, trata-se de estabelecimentos comuns que são frequentados tanto por prostitutas quanto por pessoas que não fazem parte ou não procuram a prostituição. Os dois tipos de ponto aberto de prostituição encontrado por nós no Rio de Janeiro são bares/praias/restaurantes e pontos de rua.

- Bares, restaurantes e praias: O que esses três lugares têm em comum é que as negociações para os serviços sexuais acontecem num ambiente público misto. Nestes casos, a região moral onde a prostituição é permitida é também frequentada por pessoas que não procuram ou oferecem serviços sexuais e até podem ser avessas à prostituição. As mulheres nesses locais é que vão atrás dos homens, com esforço redobrado, pois há a presença de mulheres que não estão vendendo serviços sexuais como concorrentes. Normalmente, para ocupar uma mesa em um bar ou restaurante, a mulher deverá consumir algo para não ser expulsa pelos garçons. É comum, então, ver nesses lugares mesas ocupadas por

três ou quatro mulheres, cada uma consumindo um chopp por hora. O preço do programa não é tabelado nesses pontos, com cada mulher cobrando a quantia justa para seu trabalho. Um problema com esse tipo de prostituição, porém, é o programa ser consumado em outro lugar, geralmente num hotel da vizinhança, retirando da prostituta qualquer estrutura de suporte contra a violência, fraude ou roubo por parte do cliente. Muitas mulheres que são ativas nesses pontos recrutam namorados ou amigos (de ambos os sexos) como protetores. Outras mulheres cultivam relações com policiais ou motoristas de táxi, que podem chamar para intervir numa emergência. Algumas mulheres que trabalham nestes pontos dividem o dinheiro ganho com seus protetores e/ou agentes. Outro problema potencial com esse tipo de ponto é o fato de que o número de clientes potenciais por prostituta é muito diluído. Como esse tipo de prostituição é livre e não precisa de dedicação exclusiva, é muito comum também ver mulheres que são empregadas em outros pontos da cidade trabalhando nesses lugares em seus dias de folga.

- Rua: as garotas de programa recrutam seus clientes pelas calçadas e os levam para os hotéis para realizar o programa. Geralmente são as mais estigmatizadas por serem consideradas perigosas e ladras. Devido ao excesso de exposição das ruas, combinado com o estigma da prostituição, essas mulheres correm muito perigo, tanto de clientes violentos quanto da população preconceituosa que as agride. Há também os “maníacos”, ou seja, indivíduos ou grupos que pensam usar o corpo da prostituta como objeto de tortura ou violência. As prostitutas de rua tipicamente trabalham em pequenos grupos de dois a cinco, que dominam uma determinada esquina ou ponto. Elas negociam com os clientes, que chegam de carro ou a pé, e vão para hotéis ou outros

lugares, onde o ato sexual é consumado. Às vezes fazem programas no próprio carro do cliente. Os preços pagos por este tipo de programa podem ser relativamente altos e, é claro, esses não são padronizados, tendo a mulher, então, um grande poder de negócio. A falta de organização e gerenciamento dos pontos de rua também significa que esses são os lugares que mais atraem menores de idade.

- c. **Ponto de prostituição de tipo misto:** a prostituição é realizada tanto em um ambiente aberto quanto em ambiente fechado. Um exemplo é a extinta discoteca Help, em Copacabana. A Help consistia em dois ambientes: um bar/restaurante numa calçada pública e uma discoteca. Prostitutas e clientes se reuniam para negociar serviços sexuais em ambos ambientes e o preço médio do programa era por volta de 100 US\$. A casa ganhava dinheiro cobrando uma taxa de entrada para a discoteca de 28 reais (o mesmo preço é cobrado de todo mundo – clientes e prostitutas) e na venda de comestíveis e bebidas. Não existiam lugares para as relações sexuais no local (a casa mantinha um rígido código de comportamento que proibia roupas ou atos sexualmente explícitos nos recintos) e esses geralmente eram consumados nos hotéis da vizinhança. As prostitutas que frequentavam a Help eram quase todas independentes e representavam uma mistura entre mulheres que a utilizavam após do trabalho sexual em diversos pontos da cidade e mulheres que só se prostituíam ocasionalmente e que negociam programas na discoteca como uma maneira de reforçar suas rendas vindas de outros tipos de trabalho. O lugar era simplesmente um ponto seguro e higiênico, no qual prostitutas e clientes podiam se encontrar e negociar os serviços sexuais. As mulheres eram livres para estipular quais termos e preços que queriam e poderiam decidir em não fazer programa algum, se fosse isto o que queriam. No final de 2008, o preço do programa, em média, na Help, custava 250 reais por noite, dado o preço de entrada de 28 reais para a discoteca e a

consumação no bar/restaurante na calçada. Entre 200 e 1000 prostitutas passavam pelas portas da discoteca ou pelas mesas do bar/restaurante todos os dias, com a alta frequência sendo coincidente com a alta temporada de turismo (entre dezembro e março). Praticamente todos os clientes que frequentavam a Help eram estrangeiros de passagem pelo Rio e o lugar poderia ser qualificado como o *point* mais movimentado do turismo sexual na cidade. Muitas mulheres não a utilizavam como local de encontro com cliente, porque a maioria dos programas era negociada dentro da discoteca e a prostituta pagava a entrada como qualquer cliente da boate. Como havia muita mulher lá dentro, existia uma chance boa de a prostituta gastar dinheiro e não conseguir trabalho em troca. Além disso, o programa na Help sofria alguns dos mesmos problemas do programa de bar ou rua, pois a prostituta teria que ir sozinha com o cliente para outro local a fim de realizar o programa, tornando-se mais vulnerável ao roubo, fraude ou violência por parte do cliente. Finalmente, sendo estrangeira a grande maioria dos clientes que frequentavam o Help – poucos dos quais falam português – toda a negociação teria que rolar em língua estrangeira ou num português remediado, dificuldade nítida para muitas prostitutas.

- d. ***Categorizações de modalidades especiais de prostituição:*** existem três modalidades especiais de prostituição – a modalidade “normal”, sendo subentendida como o pagamento para serviços sexuais, que variam de 30 minutos a duas horas de duração ou até o cliente alcançar o orgasmo. Essas três modalidades são a *girlfriend experience* (“experiência de namorada”), toda a noite e *fast foda*.
- *Girlfriend Experience (GFE)*: o cliente paga a mulher para lhe acompanhar exclusivamente por um período extenso, que pode variar entre um fim de semana até um mês ou mais. Mulheres que fazem GFE podem ser encontradas em todos os pontos de prostituição do Rio de Janeiro e este tipo de serviço é bastante requerido por

clientes estrangeiros. Os preços cobrados pela GFE variam bastante, mas geralmente são baseados nos prováveis lucros da mulher durante semelhante período de trabalho. A GFE é mal vista por pontos de prostituição que exigem a dedicação exclusiva de suas trabalhadoras sexuais e, por essa razão, tais lugares geralmente cobram uma multa da prostituta para cada dia que ela falta no serviço no local. Portanto, o preço da GFE com uma prostituta que trabalha em ambiente de dedicação exclusiva minimamente tem que cobrir o preço das multas por ausência que ela vai receber.

- Toda a noite: programa que dura a noite inteira, valorizado também por estrangeiros. As mulheres que praticam essa modalidade podem ser encontradas em todos os pontos da cidade. Normalmente, o programa começa após as 22:00 horas e vai até a manhã seguinte, com vários serviços sexuais sendo praticados por preço único durante esse período. Essa modalidade custa o dobro do preço normal do programa de uma ou duas horas de duração.
- *Fast foda:* Em todo o Rio de Janeiro, o programa dura, em média, entre 30 minutos e duas horas, sendo cobrado de um a três reais por minuto. Todavia, existe uma modalidade em que o preço é quase sempre um real por minuto ou menos e que o programa dura menos que 20 minutos: o chamado *fast foda* ou *fast sex*. Os pontos que se especializam nessa modalidade encontram-se espalhados pela cidade, mas concentram-se no centro e na Vila Mimosa. A *fast foda* pode ser extremamente lucrativa, pois uma garota pode fazer seis programas por hora, por uma média de 15 reais por programa – ou seja, ela ganha com sua labuta tanto quanto uma mulher trabalhadora nas termas de segunda categoria da Zona Sul. Essa mesma mulher pode ter um ganho mensal líquido de mais de mil reais, que a situa numa categoria

econômica superior a muitas call girls. Muitos lugares que fazem a fast foda são tão higiênicos e seguros quanto a maioria das boates e termas. Embora a modalidade fast foda exija muito mais parceiros que outras modalidades de prostituição, ela exige muito menos envolvimento social e/ou emocional entre a prostituta e o cliente, sendo a preferência de muitas mulheres exatamente por isto.